

Narração e informação na gênese do jornalismo

Héris Arnt¹

O trabalho aqui apresentado é fruto de pesquisa na área da história da imprensa, em que se procura estabelecer a relação entre jornalismo e literatura, propondo uma epistemologia da comunicação a partir da gênese do jornal e de suas matrizes literárias. O encontro entre jornalismo e literatura se dá pela função de narratividade e pela intenção informativa presentes nas duas formas de escrita. No período que antecede à fundação do jornal, narração e informação se confundem: tanto em alguns gêneros literários, como nas proto-formas de jornalismo, que são as modalidades de transmissão de notícias orais, manuscritas e impressas, que grassavam na Europa durante todo o século XVII.

A gênese do jornal remete às crônicas, às cartas aos diários pessoais que, extrapolando os limites da memória pessoal, relatavam experiências de parte da coletividade, vividas em momentos importantes ou traumáticos da sociedade, ou trazendo informações de terras distantes e culturas exóticas. Literatura e jornalismo se fundem, na raiz técnico-cultural das escritas que antecederam o nascimento do jornal. Todo o texto escrito é da ordem da comunicação; o que difere essas escrituras híbridas é o aspecto intencional de divulgação do acontecimento – o sentido comunicacional pretendido.

Neste ensaio analisaremos um sistema de informação oral, manuscrito e impresso montado na França, no princípio do século XVII, no mesmo período em que nascia o jornalismo francês. Os *nouvellistes* ou *gazetiers*, como eram chamados esses escritores populares que produziam e vendiam notícias, reuniam-se em praças públicas para decidir as notícias que seriam divulgadas. Muitas dessas reuniões eram registradas em atas, o que nos permite estudar formas muito antigas de informação oral. Outras fontes de informação sobre o sistema são as próprias

gazetas manuscritas e impressas, bem como os registros policiais e atos judiciais, uma vez que a atividade era proibida e passível de condenação. As gazetas orais e manuscritas, criadas por escritores populares, antecedem os jornais e vão coexistir com estes, por quase 200 anos.

A eficiência da comunicação oral e manuscrita criada pelos *nouvellistes* mostra que a informação é antes uma questão de conteúdo e depois de meios. O sistema de informação incluía a coleta de notícias, os mecanismos de avaliação e a transmissão oral pela cidade – mas não existia mídia, ou existia de maneira incipiente, nas folhas manuscritas e posteriormente impressas. Estamos diante de um sistema comunicacional em que o conteúdo prefigura o meio.

O estudo que desenvolvemos neste ensaio procura uma aproximação entre a história da escrita e do jornalismo, propondo uma epistemologia da comunicação. A história da escrita, com seu recorte sobre a produção feita pelo e para o povo – ou para utilizar um termo caro a Roger Chartier, “as maiorias” – nos oferece um caminho metodológico para dar validade ao nosso procedimento. Diante da falência dos grandes modelos explicativos, diz Roger Chartier, a história “volta ao arquivo, ao documento bruto que registra o aparecimento de palavras singulares, sempre mais ricas e mais complexas do que tudo o que o historiador possa dizer” (Chartier, 1998: 10).

Ao descrever o sistema de informação oral e manuscrito, montado na França, no século XVII, não só mostrar a articulação entre literatura e jornalismo, mas mostrar que as sociedades sempre criaram seus sistemas de informação, mais ou menos eficientes, com pouca ou muita capacidade de difusão, pela formatação de meios tecnológicos e processos comunicacionais, que respondiam as suas necessidades histórico-culturais. O historiador Robert Darnton considera que cada era

foi, a sua maneira, uma era da informação, e que os sistemas de comunicação sempre moldaram os acontecimentos.

Não é possível determinar quando surgiu a atividade dos *nouvellistes*. Eles se organizavam em várias categorias: os que transmitiam as notícias oralmente, ou que as redigiam para serem lidas nos locais públicos, eram chamados de *nouvellistes de vive voix* ou *nouvellistes au plein vent*; os que vendiam as folhas manuscritas eram chamados de *nouvellistes à la main*. Também, reuniam-se, nesses locais, os autores das notícias impressas.

Suas assembléias eram realizadas em praças públicas. Os principais pontos onde se reuniam eram: o Jardim de Luxembourg, que com o passar do tempo se especializou em noticiar fatos exclusivamente referentes à literatura e à vida cultural; o Jardim das Tuileries; as galerias do Palais Royal e o Pont Neuf. As folhas impressas, assim como as manuscritas, eram feitas por uma só pessoa, sendo que as informações eram colhidas nas assembléias. Acabadas as reuniões, os autores das notícias impressas (*nouvelles imprimées*) corriam para as oficinas, e no dia seguinte suas folhas eram vendidas nas ruas de Paris. Todo este sistema funcionava com muita agilidade. Tanto que esse comércio, mais ou menos clandestino, foi um concorrente que os primeiros jornais, atrelados ao governo, censurados e lentos, não conseguiram destruir.

Nos períodos em que a perseguição era mais rígida, refloresciam as folhas manuscritas, que qualquer pessoa podia copiar e vender. Os jornalistas, nos primórdios da imprensa francesa, são obrigados a frequentar essas assembléias, para se interarem das notícias. Mesmo depois do aparecimento do primeiro jornal francês, *La Gazette*, do impressor Renaudot, em 1633, e apesar das proibições e das medidas repressivas policiais, as gazetas manuscritas e impressas continuaram a florescer. Renaudot odiava os *nouvellistes*. Guy Patin, um de seus adversários, escreve que ele gostaria de “enforcar todos os fazedores de gazetas manuscritas, ainda mais que eles eram a causa de sua gazeta impressa não ser tão vendida” (E. Hatin, 1967: 50, vol. I).

Distinguiam-se dois gêneros de *nouvellistes*: os que colhiam e traziam a informação para as assembléias e os que divulgavam a informação – eram os *nouvellistes “parlant”* e *“écoutant”*. Eles se dividiam em categorias de especialização: os de estado, dentre eles os mais importantes, pois traziam notícias do governo, do parlamento, do rei e da vida na corte; os militares, que davam notícias de guerras e de campanhas militares, esse grupo era composto por ex-militares; os do Parnaso, composto por poetas populares que liam seus versos em praça pública, mas faziam, também, crítica literária e davam notícias sobre livros e escritores. Os *nouvellistes* do Parnaso escreviam melhor do que os outros, e são o melhor testemunho desta junção entre literatura e informação. Existiam, ainda, em menor número, os *nouvellistes* de teatro, que faziam a crítica das peças teatrais e os *nouvellistes* de música, chamados de *“coureurs de chanson”*, que em vez de notícias, cantavam as novas áreas de ópera, para o povo. Havia, ainda, o grupo dos *nouvellistes “jocosos”*, que faziam o “jornal para rir”. Todos esses *nouvellistes* tinham em comum a atualidade de suas notícias.

Era grande a inventividade dos *nouvellistes* nessa área. Os especializados em teatro conseguiam copiar na íntegra as peças a que assistiam, reproduzindo-as em suas gazetas. As peças de teatro logo depois da estréia estavam à disposição de um público leitor e ouvinte.

A sofisticação a que chegou o sistema implantado pelos *nouvellistes* pode ser observada na descrição feita pela gazeta *Mercur Galant*, em 1673, sobre a reunião que tratou das questões da guerra com a Holanda, empreendida por Luiz XIV. Numa assembléia inflamada, foram discutidas as origens do conflito, as causas longínquas e as imediatas. Foram citados os tratados entre os dois países. Um dos *nouvellistes* fez a descrição da geografia holandesa, para explicar o terreno onde se debateriam as tropas francesas e holandesas. “Só existem canais e planícies, nenhuma montanha, e todas as casas lá são lavadas e esfregadas todos os dias, tanto por dentro como por fora”. Detalhes são acrescentados sobre os costumes do país; um dos presentes se levanta e diz: “Na Holanda os

maridos não têm o direito de bater nas suas mulheres”. Um especialista de assuntos militares abre uma grande folha de papel e faz um desenho detalhado do local onde se encontrava o exército francês, qual deveria ser o movimento da tropa e quais as previsões de vitória.

Essas informações foram levantadas pelo historiador Funck-Brentano (1905) em *O Mercure Galant*, 1673: 135, II. O dono do jornal *Mercure Galant*, Donneau de Visé, era freqüentador das reuniões e sua gazeta trazia muitas informações sobre os *nouvellistes* e o sistema de informação que implantaram. Seu jornal, fundado em 1672, tratava de assuntos mundanos: casamentos, festas, cerimônias e literatura. Depois dos assuntos sérios, os *nouvellistes* passavam aos temas mais leves: moda, escândalos da cidade, acontecimentos cotidianos, fatos diversos, notícias da corte, casamentos, sepultamentos etc. As histórias de crimes tinham grande repercussão. Quando não havia novidades, eles tratavam das condenações à morte: historiavam o crime, as declarações feitas durante o interrogatório, as últimas palavras proferidas pelo condenado. Como se vê, não estamos muito longe dos procedimentos das reportagens policiais da atualidade. Os *nouvellistes* organizavam-se em verdadeiras sociedades dirigidas por um presidente e um secretário. Não se sentiam diminuídos em se assumirem como *nouvellistes*, burgueses, aristocratas e personalidades da alta hierarquia, como Louis de Mérode-Montmorency, príncipe de Isenghein, marechal de França, que participava das assembléias dando detalhes da desastrosa batalha da Boêmia, empreendida pela França. Outro importante *nouvelliste* foi o Conde Joachim de Lionne, que presidia um *bureau* do Jardim das Tuileries.

Quando ele morreu, muitas gazetas e jornais escreveram sobre ele. Até Montesquieu, em uma de suas *Lettres Persannes*, diz que o Conde de Lionne precisava ser substituído à frente dos *nouvellistes* das Tuileries. A importância de Lionne para os historiadores e estudiosos se deve ao fato de ele ter recebido, ao longo de sua atividade, um grande número de cartas, de todas as procedências, preservadas nas bibliotecas francesas. Essas cartas forneciam

as notícias que eram transmitidas aos *nouvellistes*, nas assembléias.

Era costume entre ricos e nobres contratarem um *nouvelliste* a seu serviço, para sua própria informação, ou para lerem e comentarem as notícias em reuniões sociais. Foi esta a origem da interessante gazeta manuscrita *Muse Historique*, de um escritor com pretensões literárias, Loret. A *Muse Historique* era escrita em versos burlescos e pode ser considerada precursora de um gênero jornalístico, o da crônica mundana de sociedade. Com variedades e assuntos da vida parisiense, o gênero emigra para os jornais. Os temas abordados eram os mais diversos: a criação dos correios, em território francês; a novidade do uso do estanho na confecção dos utensílios domésticos, os rumores populares das ruas, casamentos, enterros etc.

A gazeta muitas informações sobre o sistema de informação oral e manuscrito. A *Muse Historique*, em um de seus exemplares noticia a morte de um colega “*gazetier en prose*”, o que mostra a existência dos dois tipos de gazetas, em prosa e em verso. Encontramos nesta gazeta o fio condutor que vai das folhas manuscritas para as impressas. Quando foi impressa pela primeira vez, em 29 de setembro de 1652, Loret avisa aos leitores que começou a imprimir sua gazeta, porque os copistas “acrescentam sempre erro sobre erro, parece mais conveniente as produzir em impressão, que é uma invenção excelente, capaz de produzir ao mesmo tempo vários exemplares de uma só peça” (E. Hatin, 1967: 296, vol. I).

A *Muse Historique* tem grande importância para a história do jornalismo, pois deixa este raro testemunho da ligação entre as folhas manuscritas e impressas e mostra como a passagem de uma forma de registro para a outra foi uma consequência natural. Mas, sobretudo, evidencia a confluência entre jornalismo e literatura.

Depois desta análise em que mostramos a relação entre as gazetas manuscritas e impressas, resta-nos procurar os indícios da ligação direta entre elas e o jornal. Os laços indiretos são fortes, como vimos, com a participação de jornalistas nas assembléias dos *nouvellistes* e nas mútuas influências na concepção de produzir e transmitir notícias. No entanto, não se pode dizer que o jornal

seja resultado da evolução direta das folhas impressas – foram duas formas de informação que coexistiram, influenciando-se mutuamente. O jornal nasce de uma estrutura de produção mais complexa, financeiramente cara, devendo sua existência a um ato concessório do Estado; sofrendo, portanto, forte pressão dos sistemas políticos. É importante frisar que, não podendo acabar com o sistema informal de informação, o Estado vai estimular o aparecimento de gazetas semi-oficiais e dar apoio financeiro aos *nouvellistes*–favoráveis ao sistema.

Um exemplo das relações imbricadas entre esses dois sistemas pode ser observado a partir de um fato envolvendo o jornal *Courrier Français*, também de propriedade de Renaudot. Um *novelliste* fazia uma cópia *sui generis* desse jornal. Ele reescrevia, na forma de versos burlescos, a totalidade das informações contidas no *Courrier*, chegando a compor 800 versos por edição. A produção desta publicação era absolutamente fantástica – o *Courrier* saía às sextas-feiras, e no domingo aparecia a versão clandestina em versos.

A passagem direta das gazetas impressas para os jornais é mais difícil de comprovar. Na Inglaterra encontramos um exemplo desta ligação, o que nos leva a dar algumas pinceladas sobre o sistema inglês de informação, daquele período. O *Weekly News* (1622), considerado por alguns historiadores como o primeiro jornal inglês, era de propriedade de um editor de folhas manuscritas. O jornal era datado e numerado, mas sofreu várias interrupções, não conseguindo manter a regularidade, atributo indispensável para ser considerado um verdadeiro jornal.

A Inglaterra também desenvolveu um sistema de informação manuscrita, com um sofisticado sistema de cartas enviadas para a nobreza dos condados, relatando os acontecimentos políticos e as notícias locais da sociedade de Londres. As cartas eram escritas por profissionais, e o serviço era cobrado. Este sistema paralelo gozava de muito mais independência do que os jornais oficiais. Um jornal inglês, o *Evening Post*, se surpreende que a população pagasse “tão caro” por um serviço que os jornais prestam muito “mais barato”.

Com o intuito de fazer face aos manuscritos, o jornal adota uma medida “*sui generis*,

passando a publicar uma folha em branco para que as pessoas pudessem completar as notícias. O grande número de títulos de jornais que remetem a *News Letters* e *Post*, na cultura inglesa, mostram essa herança de formas de transmissão e de circulação de informação anteriores à imprensa.

Podemos estabelecer um fio condutor ligando o jornal às formas primitivas de circulação de informação, pelos títulos dos jornais, tais como *Post*, *News Letters*, *Courrier*, *Courrieri* e *Correio*. A mais antiga referência etimológica que liga o meio à atividade, é o termo gazeta, que vem do italiano *Gazzeta*, a menor moeda de Veneza, com a qual se comprava as folhas manuscritas, no século XVI – *gazeta delle novità*. O termo liga inexoravelmente o “meio” à atividade econômica. Gazeta é a mais antiga denominação de jornal.

Se o título *Correio* remete ao meio de transmissão da informação, *Diário* e *Crônica* ligam o jornal à tradição literária. *The Chronicle*, *Le Croniqueur*, *A Crônica* são títulos que guardam a memória desse gênero narrativo que vem dos tempos imemoriais da tradição oral. Gênero tão antigo como a história da escrita, a crônica foi muito difundida durante a Idade Média. O termo *diário* define um gênero literário cuja característica é o relato de acontecimentos que se sucedem no dia-a-dia. Os diários abrangem várias áreas, que vão dos diários íntimos, aos diários de bordo. A historiografia literária portuguesa considera os diários de bordo um gênero próprio à cultura portuguesa, do importante período da Literatura da Expansão. A importância do gênero na cultura portuguesa pode explicar a predominância do título “diário” na história do jornal.

Essas observações de filologia são importantes para se estabelecer distinções entre os diferentes produtos de informação e assim identificar as interações entre eles: as fontes da cultura popular em uns produtos, as fontes institucionais em outros, os aspectos remanescentes de antigas formas de literatura oral, a influência das formas cultas.

O jornalismo é fruto dessas múltiplas influências ligadas a uma vertente popular de literatura. Os *nouvellistes* deixaram as marcas dessas formas narrativas literárias como componentes importantes na gênese do

jornalismo. Do ponto de vista literário, o diário, as memórias e a crônica são gêneros literários que aliam o aspecto funcional de repertoriar fatos e a criação textual.

Os gêneros literários informativos começam a emigrar de seu espaço próprio, o livro, para as folhas impressas, para as gazetas e mais tarde para os jornais. O próprio termo *journal* (gênero literário diário) vai designar, na França, somente os periódicos literários. Os periódicos políticos eram denominados gazetas.

O termo jornal entra para o português com a mesma conotação de diário, um relato dos acontecimentos de um dia. O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Lisboa: Livros Horizonte, 1989, org. José Pedro Machado) registra a entrada do termo, em nossa língua, no século XIII: “Yrei alá de bom grado e farey este jornal”. Portanto, o termo existe em português muito antes de ser adotado como sinônimo de gazeta ou de periódico.

O primeiro periódico a adotar o nome jornal foi o *Journal des Savants*, fundado em 1665, por Denis Sallo. Para Eugène Hatin o jornal literário foi uma invenção da imprensa francesa que foi imitado em toda a Europa. Criado 30 anos depois do jornal político, este foi um terreno profícuo em que os homens de imprensa conseguiram criar com mais liberdade.

Além das notícias literárias, o jornal tratava de assuntos científicos, invenções, questões jurídicas, curiosidades da natureza. Para o historiador, “não foi, na verdade, pela política, mas pela literatura, que o jornal se afirmou; antes de se tornar uma potência política, ele se tornaria uma potência literária” (Hatin, 1967: 451, vol. I).

Nas formas literárias informativas e nos rudimentares meios de transmissão da informação se encontra a gênese do jornalismo. Os meios, quer dizer, a técnica, assim como a informação de que são vetores, falam, por eles mesmos, da cultura e do conhecimento, da história e da sociedade, e guardam a memória desses processos.

Apesar de cada folha manuscrita ou impressa tratar basicamente de um só assunto, o conjunto delas aborda uma variedade infinita de temas, em que se ressalta a vida cotidiana, a curiosidade sobre ricos e nobres, o exótico e estrangeiro, as medidas políticas, as tragédias naturais, as guerras e a produção e apropriações culturais. Quando nasce, o jornal será um mosaico que contemplará todos os assuntos que esses “precursores” do jornalismo trataram em suas gazetas personalizadas. As fronteiras entre crônica, literatura popular e informação não se distinguem no período de consolidação do jornal. O jornal é um suporte das narrativas, em novo meio.

Bibliografia

Chartier, Roger & Lüsebrink (org), Hans-Jürgen. *Colportage et lecture populaire, Imprimés de large circulation en Europe XVI – XIX siècles*. Paris: La maison des sciences de l'Homme, 1996.

Chartier, Roger. *Au bord de la falaise: L'histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Albin Michel, 1998.

Darnton, Robert. *Edição e Sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Funck-brentano, Frantz. *Les Nouvellistes*. Paris: Hachette, 1905.

Hattin, Eugène. *Histoire politique et littéraire de la presse en France*. Genève: Slatkine, 1967, vol I,II,III.

_____. Actas do II Encontro Afro-Luso-Brasileiro. *Jornalismo e Literatura*. Lisboa: Coleção Trimedia, (sd).

Actes du Colloque d'Utrecht. *L'Etude des périodiques anciens*. Paris: Edition Nizet, 1972.

Actes du Colloque International des Lumières. *Modèles et Moyens de la réflexion Politique au XVIIIe siècle*. Lille: Edition Université de Lille, 1973.

¹ Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.